



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS – CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ÍRIS CRISTINA ANSELMO FRANÇA

**LITERATURA DE CORDEL: UM OLHAR SOBRE A OBRA CONTOS, CANTOS E
RECANTOS DA NOSSA TERRA – PIRPIRITUBA EM VERSOS DE ZÉ LUÍS**

GUARABIRA

2017

ÍRIS CRISTINA ANSELMO FRANÇA

**LITERATURA DE CORDEL: UM OLHAR SOBRE A OBRA CONTOS, CANTOS E
RECANTOS DA NOSSA TERRA – PIRPIRITUBA EM VERSOS DE ZÉ LUÍS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção da graduação do curso de Letras Português – Campus III da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones.

GUARABIRA

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F814l Franca, Iris Cristina Anselmo.

Literatura de cordel [manuscrito] : um olhar sobre a obra contos, cantos e recantos de nossa terra - Pirpirituba em versos de Zé Luis / Iris Cristina Anselmo Franca. - 2017.

38 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones, Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Cultura Popular. 2. Oralidade. 3. Literatura de Cordel. 4. Literatura de Cordel. 5. Cultura Popular.

21. ed. CDD 398.5

ÍRIS CRISTINA ANSELMO FRANÇA

**LITERATURA DE CORDEL: UM OLHAR SOBRE A OBRA CONTOS, CANTOS E
RECANTOS DA NOSSA TERRA – PIRPIRITUBA EM VERSOS DE ZÉ LUÍS**

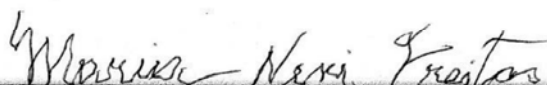
Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção da graduação do curso de Letras Português – Campus III da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones.

Guarabira, 07 de dezembro de 2017.

COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Orientador Eduardo Henrique Cirilo Valones
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dra. Maria Neni de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dra. Fabíola Nóbrega Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À Deus, mestre e fonte de todos os dons.

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao meu bom Deus
Senhor de toda a criação
Que me concedeu a vida
E nunca me “deixou na mão”
Que me deu inteligência,
E também inspiração.

Um Deus tão maravilhoso
Que me ama sem igual
Que sempre está comigo
Livra-me de todo mal
Que além de dar-me a vida
Deu-me o essencial.

Que foi uma bela família
Amorosa e unida
Importantes para mim
E também muito querida
Deu-me saúde e coragem
Para se viver na vida.

Deu-me também bons amigos
Pessoas tão companheiras
Como Héliide Vanice
Amiga para a vida inteira
E outros tantos amigos
Com afeições verdadeiras.

E de todo o meu ser
A minha gratulação
A virgem Maria Santíssima

Que me ouve com atenção
E sempre intercede a Deus
Meus pedidos com devoção.

A Isabel e a Zé Luís
Que são meus queridos pais
São grandes presentes de Deus
A eles, sou grata demais
Pelo que fazem por mim,
Pois são muito especiais.

Minha mãe, minha amiga
Que me ouve com carinho
Aconselha-me e dá bronca
Mostra-me o melhor caminho
Agradeço o incentivo
E por estar sempre pertinho.

Ao meu pai sou muito grata
Por tudo que me ensinou
Instruindo o que era certo
Para a vida me preparou.
Os meus pais são responsáveis
Por tudo que hoje sou.

Sou grata a vovó Cristina
Em quem busco me espelhar
Também a madrinha Luíza
Um ser espetacular
São exemplos de mulheres
De muito se admirar.

E o muito obrigado
Os meus prezados irmãos

São eles: Igo e Iêda,
Por toda compreensão
Ajudam-me como podem
Sempre me estendem as mãos.

Agradeço a Gilvamberto
Meu marido e bom amigo
Que me apoia e incentiva
E está sempre comigo
Cuida de mim com carinho
Nele encontro abrigo.

A Rosa Maria Marques
Minha humilde gratidão
Que veio ao meu auxílio
Estendendo-me a mão
Pois para me ajudar
Não mediu a dimensão.

E meu muito obrigado
A todos meus professores
Que na vida acadêmica
Foram meus incentivadores
Pois no meu curso de letras
Eu tive bons instrutores.

Rosângela Neres e Neni
São exemplos excelentes
De professoras fantásticas
Admiráveis e competentes
De um conhecimento ímpar
De encantar toda a gente.

A Eduardo Valones
Meu ilustre orientador
Sou grata de coração
Por ter sido meu mentor
Admiro-o demais,
Um excelente professor.

A Fabíola e a Neni
Os meus agradecimentos
Pois compuseram minha banca
Trouxeram ensinamentos
E as observações
Eu fiz com contentamento.

E não posso esquecer
De agradecer com lealdade
A Ritinha e Isadora
E também a Piedade,
Parceiras na UEPB,
Por nossa bela amizade.

E por fim, eu agradeço
À um amigo incrível
Que é especial pra mim
E insubstituível
Jailson, sem você,
Concluir meu TCC
Era um sonho impossível.

“A literatura popular é in natura, é a forma literária de registrar e difundir a cultura de um povo.”

(Zé Luís)

RESUMO

O objetivo do nosso trabalho visa mostrar a importância da obra “*Contos, Cantos e Recantos de Nossa Terra – Pirpirituba em versos*”, do escritor José Luís de França Segundo (Zé Luís, 2004) para a disseminação de uma cultura e garantia de conhecimento, observando também o elo entre a oralidade e literatura de cordel como instrumentos importantes na formação identitária, ampliação e sobrevivência da cultura popular. Realizaremos uma pesquisa bibliográfica, baseada nos seguintes estudiosos: Aderaldo (2012), Cândido (2006), Bosi (2003), Ong (1998), Campos (1997), através do método analítico interpretativo, partindo para um diálogo entre cultura popular e sua ramificação na literatura de cordel presentes na obra do cordelista Zé Luís. Mostraremos também como uma obra redesenha historiograficamente a cultura de um povo exposta em Cordel. Nossa pesquisa partiu para a definição de Cultura Popular e sua contribuição para formação identitária e perpetuação da tradição, com ênfase na literatura cordelista e o seu universo. Dessa forma, essa pesquisa fará uma conexão entre cultura popular, oralidade e literatura de cordel.

Palavras – chave: Cultura popular, Oralidade, Literatura de Cordel.

ABSTRACT

The aim of this work is to show the importance of the work "Contos, Cantos e Recantos de Nossa Terra - Pirpirituba em versos", by the writer José Luis de França Segundo (Zé Luís, 2004) for the dissemination of a culture and guarantee of knowledge, also observing the link between orality and cordel literature as important instruments in the identity formation, expansion and survival of popular culture. It was carried out a bibliographical research, based on the following authors: Aderaldo (2012), Cândido (2006), Ong (1998), Bosi (2003) and Campos (1997), through the interpretative analytical method, starting from a dialogue between popular culture and its ramification in Cordel literature present in the work of Zé Luís. We will also show how a work historiographically redesigns the culture of a people exposed in Cordel. Our research was based on the definition of Popular Culture and its contribution to identity formation and the perpetuation of tradition, with an emphasis on Cordel literature and its universe. In this way, this research will make a connection between popular culture, orality and Cordel literature.

Keywords: Popular literature, Orality, Cordel literature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2. CULTURA PUPULAR VERSUS ORALIDADE.....	15
2.1 A Oralidade.....	16
2.2 A Literatura de Cordel e o Universo Cordelista	17
2.2.1 Política e Religião Presentes da Literatura de Cordel	19
3. AUTOR E OBRA	21
4. IMAGENS E MINÚCIAS SOB A ÓTICA DE ZÉ LUÍS	23
4.1 Construção da Obra Contos, Cantos e Recantos da Nossa Terra - Pirpirituba em versos.....	24
4.2 Zé Luís e Seu Público	33
5. CONCLUSÃO	37
6. REFERÊNCIAS	38

INTRODUÇÃO

Viver em sociedade exige de nós uma certa conduta adquirida de forma espontânea em convívio com os nossos. Aprendizados passados de geração em geração com a forte influência da oralidade vão garantido a perpetuação de uma cultura e moldando os indivíduos que vão se inserindo na sociedade e esculpindo sua formação identitária. Dentre os vários meios de propagação da cultura popular, um em especial tem sido um colaborador genuíno para a garantia de uma cultura: a literatura de cordel, forte mediadora na expansão de conhecimentos. Com esta pesquisa exporemos como a literatura de cordel pode contribuir com o contexto historiográfico de um povo, ressignificando a cultura popular e a memória.

Portanto, esse trabalho de conclusão de curso, tem por objetivo mostrar a importância da obra “*Contos, Cantos e Recantos de Nossa Terra – Pirpirituba em versos*”, do escritor José Luís de França Segundo (Zé Luís, 2004), para a disseminação de uma cultura e garantia de conhecimento, observando também o elo entre a oralidade e literatura de cordel como instrumentos importantes na formação identitária, ampliação e sobrevivência da cultura popular.

Esse trabalho tem um papel significativo por relacionar a cultura popular, a oralidade e o cordel para a propagação da memória e continuação de uma cultura, elaborado com a finalidade de difundir a obra “*Contos, Cantos e Recantos de Nossa Terra- Pirpirituba em versos*” do cordelista Zé Luís e expor a contribuição que a obra traz para o universo cordelista e município de Pirpirituba no tocante a formação de sua cultura popular.

O nosso estudo assume, metodologicamente, a pesquisa bibliográfica fundamentada nos seguintes estudiosos: Aderaldo (2012), Cândido (2006), Bosi (2003), Ong (1998), Campos (1997), dentre outros, através do método analítico interpretativo.

O presente trabalho está dividido da seguinte maneira: de início discutiremos sobre a definição e inserção da cultura popular, dialogando sobre a presença da oralidade na continuação dessa cultura que com a contribuição da escrita torna-se um arquivador de memórias. Assim, discutimos sobre a literatura de cordel e o universo cordelista que realiza esse processo de propagação cultural de forma interativa e agradável até chegarmos ao ápice do estudo, que é análise da obra “*Contos, cantos e recantos de nossa Terra – Pirpirituba em*

versos”, que irá mostrar a magnitude do trabalho do autor Zé Luís para a eternização da historiografia do município de Pirpirituba e seus subsídios para cultura popular.

2. CULTURA POPULAR VERSUS ORALIDADE

No período contemporâneo, é difícil ter uma noção específica do que é cultura, pois em uma época de tantos avanços que facilitam a interação social, a cultura tem se tornado uma imensa teia de conhecimentos, misturas e transformações e a cultura popular tem ganhado espaço e vem se tornando uma das maiores formas de expressão e formação identitária da humanidade, já que esta possibilita a inclusão de indivíduos, uma vez que esta cultura é feita pelo povo e para o povo. De acordo com o pensamento do estudioso inglês Burke (1995), a definição de cultura está longe de ser inserida nos dicionários, pois segundo ele:

Cultura é uma palavra imprecisa com muitas definições concorrentes; a minha definição é de 'um sistema de significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados.' A cultura nessa acepção faz parte de todo um modo de vida, mas não é idêntica a ele. Quanto à cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não-oficial, a cultura da não-elite, das 'classes subalternas', como as chamou Gramsci. (BURKE, 1995, p. 25)

Levando em consideração esse ponto de vista, temos a cultura popular como a não-oficial, pois é a cultura de minoria, expressa de forma espontânea e simples. No entanto torna-se cultura de maioria, uma vez que a classe dita baixa, humilde, é maior que a classe alta e se expande com mais rapidez. Tendo em vista a mistura étnica do nosso país, o Brasil possui uma cultura popular imensa e diversificada que contribui para as definições de características e identificação de um povo, pois cada povo tem um determinado modo de viver. Segundo Bosi (2012, p.9):

Uma teoria de cultura brasileira, se um dia existir, terá como sua matéria prima o cotidiano físico, simbólico e imaginário dos homens que vivem no Brasil. Nele sondará teores e valores. No caso da cultura popular, não há separação entre uma esfera puramente material da existência e uma esfera espiritual ou simbólica. Cultura popular implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, o modo de olhar, o modo de sentar, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho, mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar [...]

Portanto, notamos que a cultura nasce com o homem e é expressada de forma espontânea. Por isso, a cultura popular tem tido importância significativa para a formação social em que as manifestações populares vêm moldando e transformando os indivíduos de uma sociedade, contribuindo com a aquisição de conhecimento e garantido a preservação de tradições de um povo.

2.1 A Oralidade

O que tem possibilitado a propagação da cultura popular tem sido, desde o início da humanidade, a oralidade, que nada mais é que o ato de se expressar pela fala através de um sistema de códigos que é adquirido em convívio com indivíduos da mesma comunidade, marcada por gírias e sotaques de um determinado grupo social e que além de transmitir os costumes, tradições, crenças etc., de um povo vai sendo ensinada, assimilada e transformada e, ainda assim, garante que uma cultura permaneça viva e que as memórias dos antepassados não seja esquecida.

Na realidade, as culturas orais produzem realizações verbais impressionantes e belas, de alto valor artístico e humano, que já não são se quer possíveis quando a escrita se apodera da psique. Contudo, sem a escrita, a consciência humana não pode atingir o ápice de suas potencialidades, não é capaz de outras criações belas e impressionantes. A cultura escrita, como veremos, é imprescindível ao desenvolvimento não apenas da ciência, mas também da história, da filosofia, ao entendimento analítico da literatura e de qualquer arte, na verdade, à explicação da própria linguagem (incluindo a fala). (ONG, 1998, p. 23)

A escrita tem sido suporte para a cultura oral, com a principal função de contribuir com a comunicação e registros de ações e pensamentos do homem afim de aproximar as pessoas e manter uma relação entre o passado e o presente, mantendo viva a cultura popular. Assim,

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2003 p.15)

No entanto, o texto escrito não é carregado de sentimentos e emoções como o transmitido oralmente, pois “o texto oral mantém uma relação íntima com as pessoas,

acompanhando o pulsar de seus sentimentos, veiculando as suas emoções, participando do seu cotidiano” (Boitatá -Revista do GT de literatura oral e popular da ANPOLL, 1980, p.115). A escrita precisa ser marcada pelo pulsar da voz, para que a memória ganhe vida e esteja conectada com o presente.

2.2 A Literatura de Cordel e o Universo Cordelista

Na literatura popular, não há necessidade de um julgamento e/ou crítica voraz, caso aconteça, feri a sua essência, pois não necessita ser rotulada, é a própria natureza literária que se faz acontecer no sentido de se propagar as raízes populares em cada indivíduo. Na literatura popular, não precisa ser letrado, ou doutor, a espontaneidade e o desejo de expressão fazem com que os sentimentos ganhem formas e encantem seu povo por meio de uma literatura que liberta.

A literatura de cordel que assume características especificamente populares, e que apesar de ter origem europeia tem se tornado uma literatura típica da região nordeste, tem uma importante função social por meio da oralidade e de elementos culturais dessa região. Essa Literatura chega ao Brasil pelos portugueses e segundo autores que se dedicam ao estudo da literatura de cordel, afirmam originar-se em Portugal, por volta do século XVI, onde os folhetos eram chamados por “folhas volantes” ou “folhas soltas” e, que devido a arte de xilogravura feita nas capas dos folhetos que precisavam secar, eram pendurados em “barbantes ou cordéis” e vendidos em feiras livres. Desta feita,

O nome literatura de cordel vem de Portugal, e, como todos sabem, pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante, em exposição nas casas em que eram vendidos... A presença da literatura de cordel no Nordeste tem raízes lusitanas. (DIÉGUES JÚNIOR, 1973, P.5 *apud* LUCIANO, 2012, p. 10)

Para Aderaldo Luciano (2012), a literatura de cordel é puramente nordestina e busca mostrar, em sua obra *História crítica do cordel brasileiro* (2012), que há literaturas muito próximas da literatura de cordel brasileira que também sofreu influências de outras literaturas, mas o cordel brasileiro nasceu com o nordestino, com características típicas dessa região em que o cordelista aborda em seus versos, em maioria de sextilhas, temas do cotidiano de seu povo. Aderaldo afirma em sua obra: “O que nos interessa é salientar que a origem e formação

histórica do cordel brasileiro não tem qualquer ligação, exceto o nome, com a literatura de cordel portuguesa, salvo em alguns de seus motivos.” (LUCIANO,2012, p. 42)

Sendo a região Nordeste o berço dessa literatura, a qual carrega uma marca forte da oralidade em que folhetos mesmo depois de escritos eram lidos em feiras livres para chamar a atenção do leitor, que após se deliciar com pequenas estrofes narradas, sentia o desejo de adquirir o folheto para conhecer o fim da história, essa técnica era usada por cordelistas a fim de vender seus cordéis e de se aproximar de seu público, tornando essa literatura uma das mais compartilhadas e desfrutada coletivamente. Nesse sentido,

A maior originalidade da literatura popular nordestina reside, sem dúvida, no intercâmbio estreito e permanente que estabelece entre a expressão oral e a escritura. Tradicionalmente diferenciada, a escritura (do folheto) não exclui a voz (da cantoria, do romance, do conto): completa-a e renova-a, desempenhando o papel de arquivo da improvisação e do momentâneo. Tal escritura não marginaliza a dimensão oral; foi escolhida como objeto preferencial de estudo por ser relativamente estável, muito embora o texto do folheto esteja também submetido a processos de variação, reescritura e avaliação. (SANTOS, 2009, p.19 apud JAHN, 2011, p.16)

Portanto, notamos um intercâmbio entre o oral e o escrito e a preocupação do cordelista em transpor para a escrita uma performance oral. Constatamos também que a linguagem presente nessa literatura é uma linguagem simples e fora dos padrões formais da língua, que apresentam palavras e expressões com aspectos regionais de fácil entendimento do leitor que muitas vezes partilha os mesmos conhecimentos e meio social do autor de cordel. Desta forma,

A língua moderna usa o termo “idioleto” para marcar grupos distintos no interior de uma língua. Um idioleto pode ser a fala peculiar de uma região de um grupo étnico ou de uma dada profissão. Uma das grandes forças da poesia popular no Nordeste se origina em sua forma muito própria de falar, com um ritmo muito diferente dos falares do Sul, e também muito diferente entre si, pois percebe-se a diferença entre os falares de um baiano, um cearense e um pernambucano, por exemplo. Além desse aspecto rítmico, quase sempre há palavras peculiares a certas regiões. (PEREIRA, 2016, p. 9)

A questão da literatura de cordel está ligeiramente ligada à cultura popular, assim dar-se ao fato de tratar de temas da tradição popular, de temáticas ligadas ao cotidiano do leitor e principalmente, como já foi citado, pela linguagem simples e peculiar que aproxima o leitor da obra e da sua cultura regionalista.

2.2.1 Política e Religião Presentes na Literatura de Cordel

É considerável que pelo fato dos folhetos de cordel estarem ligados à comunidade, sua maioria encontra-se em contato com costumes de uma região, sob influências religiosas e políticas, sendo elas temáticas central em folhetos ou marcas em alguns momentos no enredo, compondo um papel de elevada importância nas mais diversas temáticas presentes na literatura de cordel, considerando e valorizando o contexto social nordestino.

A literatura de cordel proporciona-nos um debate sobre a realidade social, econômica e inclusive política. A política tem sido sempre vista como algo negativo para a sociedade e as vezes desconhecida por muitos que são ludibriados com a política feita de forma errada em nosso país, mas que através da literatura de cordel é ensinada, criticada e denunciada de forma simples e fácil, possibilitando, assim, um conhecimento político-social. Assim,

A Literatura de Cordel pode perfeitamente contribuir para uma educação voltada para a realidade, na medida em que apresenta ao aluno uma visão de mundo, que pode se assemelhar ou não à sua, mas que suscita variados questionamentos que podem levar o aluno a refletir sobre a sua posição social, política, econômica e cultural dentro do contexto em que vive, assim como sobre a posição do outro nesse mesmo contexto (ALVES,2008, p.108).

Essa literatura tem nos levado a ver o mundo de forma crítica, encorajando-nos a intervir na realidade, a fim de se ter um mundo melhor. Cordelistas contemporâneos e antigos já abordavam temas referentes a crítica e ao conhecimento político, pois é um assunto de interesse de todos e através de folhetos de cordel pessoas semianalfabetas tem adquirido um conhecimento político-social maior.

A religião também está presente na literatura de cordel, impressa conforme é entendida e interpretada pelos poetas cordelistas. Na maioria das sextilhas de cordéis, os poetas iniciam seus versos agradecendo ou pedindo inspiração a Deus, e, em se tratando de um cordel que busca dar lição de moral, o nome de Deus vai ganhando espaço entre os versos e sendo mencionado como oposição ao mal, é comum encontrar cordéis que apresentam duelo entre Deus e o Diabo, denominado pelos nordestinos de peleja, ou algo do tipo, comprovando, assim, a religiosidade do povo nordestino que tem necessidade de expressar sua fé. No entanto, a presença de santos como: Frei Damião e principalmente Padre Cícero são mais constantes nos

cordéis nordestinos, ou até mesmo o nome do diabo, uma vez que os cordelistas buscam chamar a atenção dos leitores com histórias misteriosas, milagrosas ou sobrenaturais. Portanto,

A religiosidade popular é a expressão religiosa de um povo, que acontece pela transmissão de avós para netos, de pais para filhos, com orações e devocionários. Através disso, perpetua a tradição e a expressão popular de fé. Querer desconhecer uma esperança religiosa e cristã no cordel é negar, a um tempo, as nossas raízes culturais e até mesmo a eficácia pastoral da Igreja Oficial, que marcou a mentalidade do povo. [...] (SOUSA, 1982, p. 48)

Por conseguinte, as temáticas referentes à religião e fé é responsável pela a caracterização de temor e adoração a um ser supremo, a práticas culturais e devoção que persistem por séculos, perpetuando a tradição e a expressão popular de fé. A religiosidade tem sido um dos elementos de mais elevada estima na mentalidade do povo nordestino e a literatura de cordel tem dado forma a esses elementos do imaginário religioso popular.

A religião e a política presentes na literatura de cordel vêm contribuir como cultura interligada dentro das características de um povo. Tais tradições, oferecem a subjetividade necessária para a construção da narrativa cordelista, mostrando a realidade de um povo e sua cultura intimista, assim propõe novos caminhos na pesquisa e análise do corpus literário textual. Na cultura, a religião e a política são latentes e permanentes, influenciam um povo através dos seus costumes e crenças, resignificando-se em outros pares, culturais, atemporais e literários.

3. AUTOR E OBRA

José Luís de França Segundo, nasceu em 25 de março de 1965, no sítio Ipueira, zona rural do município de Pirpirituba – PB, Filho dos agricultores João de França e Sebastiana, veio residir na zona urbana do município quando tinha 4 anos de idade. Ingressou na escola Humberto Lucena aos 7 anos de idade, cursou o ensino fundamental maior e concluiu o ensino médio no Colégio Estadual Augusto de Almeida, tendo integrado a comissão que lutou pela implantação do ensino médio.

José Luís ficou popularmente conhecido como Zé Luís, casou-se em 1988 com Isabel Cristina, em 09 de outubro de 1989 vem ao mundo seu primogênito Igo José, após dois anos nasce sua filha Iris Cristina e em 1995 sua caçula Iêda Tamara. Sendo autodidata nas artes cênicas, atuou como ator e diretor de grupos teatrais e fundou o GTDPABS- Grupo de Teatro Amador Bom Samaritano, que funcionava em um prédio pastoral no centro da cidade. Compôs várias letras de cantos católicos para a comunidade e ao ter uma vida ligada a comunidade local começou de forma espontânea a criar versos de cordel, sempre ligados a temas locais.

Além de atuar no cenário artístico do município de Pirpirituba, Zé Luís, destacou-se como membro do Conselho Tutelar de Pirpirituba, o primeiro instalado no Estado da Paraíba em 1995, pela grande maioria de votos obtidos. Foi um dos criadores e presidente da Associação dos Moradores do Bairro em que residia. Exerceu cargo de oleiro, professor, revendedor comercial e atua como agente comunitário de saúde.

Ao estar sempre em contato com os membros da comunidade, Zé Luís, realiza o desejo de escrever versos de cordel sobre a origem, aspectos históricos, políticos, geográficos e culturais de seu município, Pirpirituba, através de pesquisas e relatos orais de antigos habitantes pirpiritubenses. Em 2003, conhece o poeta Luís Manoel de Freitas, criador do projeto Reviver que apoiou a primeira edição, em 2004, de seu folheto de cordel de *A festa das Santas Missões em Pirpirituba*, e que o impulsionou a se cadastrar no projeto FIC – Augustos dos Anjo do Governo do Estado, sendo a obra avaliada e criticada por não conter informações precisas, mas aprovada em todas as etapas por ser, a literatura de cordel, uma literatura em que não se exige formalidades, e em 2004, através do projeto FIC- Augusto dos Anjos do Governo da Paraíba, o livro “Contos Cantos e Recantos de Nossa Terra – Pirpirituba em versos” é publicado.

O livro é lançado em agosto do mesmo ano da publicação, em uma noite de autógrafos no colégio Estadual Augusto de Almeida e apresentado para toda a comunidade pirpiritubense.

Alguns livros apresentaram erratas por conter estrofes desordenadas dentro da obra, sendo assim, o escritor Zé Luís decide realizar um programa social e distribui as erratas nas bibliotecas das escolas públicas e privadas da zona urbana de Pirpirituba.

A obra “Contos Cantos e Recantos de Nossa Terra – Pirpirituba em versos”, o autor Zé Luís, baseado no esboço histórico do pirpiritubense Lídio Gomes e em relatos orais de antigos moradores do município, narra, em literatura de cordel, a história do município de Pirpirituba, obra esta, ilustrada por Igo José, filho primogênito do autor.

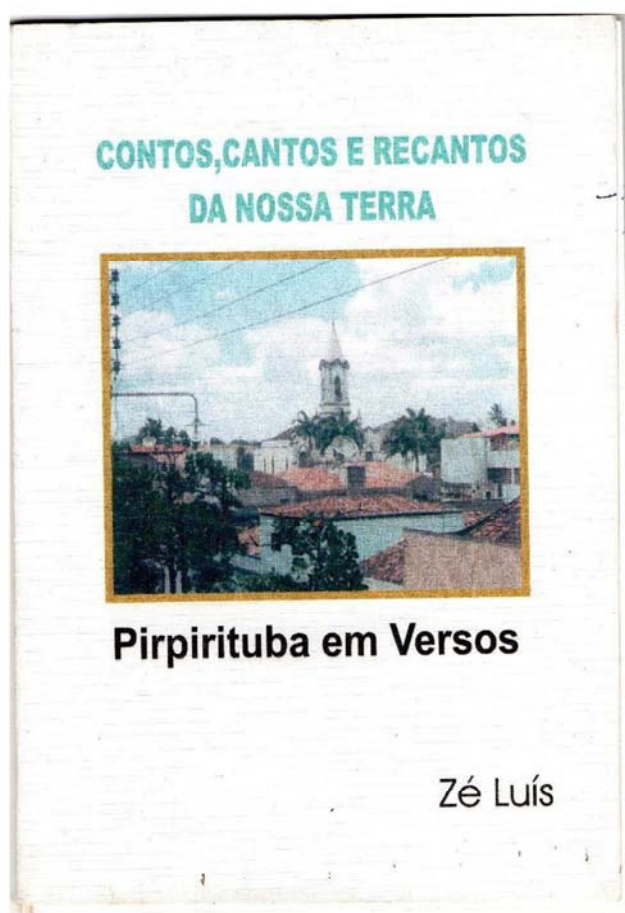


Imagem I. Fonte: Contos, cantos e recantos de nossa terra- Pirpirituba em verso (2004)

4. IMAGENS E MINÚCIAS SOB A ÓTICA DE ZÉ LUÍS

A obra, “Contos Cantos e Recantos de Nossa Terra – Pirpirituba em versos”, composta por 145 estrofes de sextilhas que corresponde a 870 versos, narram em uma linguagem simples e regionalista a origem, aspectos históricos, políticos, geográficos e culturais do município de Pirpirituba. Os versos de sete sílabas apresentam rimas perfeitas e algumas rimas imperfeitas, em sua maioria, sua rima é considerada pobre contendo três versos brancos e três versos rimados, obedecendo o esquema de rima ABCBDB. O livro está dividido em duas partes, na primeira, expõe-se a origem e desenvolvimento do município, na segunda, dedica-se ao feito político, sendo separados pelo hino de Pirpirituba.

Os versos de sextilhas são os mais usados por poetas populares nordestinos que também é conhecido por versos de seis pés, na obra, a presença desses versos mostra provavelmente, que as métricas são feitas de ouvido, ou seja, técnica adquirida em contato com versos que seguem a mesma métrica e que é aplicada de forma espontânea, o que é bastante comum no universo cordelista. Portanto,

Os folhetos são geralmente escritos em sextilhas de versos de sete sílabas. A sextilha é chamada pelos cantadores de “obra de seis pés”, forma considerada tão antiga como a quadra.[...]. Há, no folheto popular, um verdadeiro relaxamento na forma, despreocupação de estilo, denotando ausência de intuito estético, repetições, a própria rima não obedece a uma precisão técnica. A metrificação é feita de ouvido, um ou outro é que emprega a contagem das sílabas. Na sextilha, rimam três versos do seguinte modo. ABCBDB. Rimam os três versos de letra B, os restantes são livres. (CAMPOS, 1977, p. 12)

A despreocupação na escrita, na linguagem e na estrutura possibilita que o cordelista se sinta à vontade para escrever o que deseja, sendo alguns autodidatas no assunto, como é o caso do cordelista Zé Luís.

O autor inicia a obra com uma característica bem popular da literatura de cordel, que é, como todo bom nordestino, agradecendo a Deus a inspiração e expressando sua fé e ensinamentos religiosos de seus ancestrais, ao mesmo tempo que se sente alegre e emocionado ao narrar a origem de seu torrão, como percebemos nos versos:

01

Agradeço ao nosso Deus
Pela minha inspiração
Para eu contar em verso
Com a alegria e emoção
Pequeno resumo histórico
Origem do meu torrão.

Conforme Zé Luís, será contado apenas um resumo da história de Pirpirituba, sendo 145 estrofes dedicadas aos acontecimentos e transformações de seu município, sente - se feliz ao realizar importante obra para seus conterrâneos.

4.1 Construção da Obra Contos, Cantos e Recantos de Nossa Terra – Pirpirituba em versos

A oralidade foi de significativa importância para a criação da obra, pois apesar de ser baseada no esboço do historiador Lídio Gomes, o autor se valeu de relatos orais para contar aquilo que antes estava apenas na memória de alguns habitantes e a presença dessa oralidade encontra-se logo na terceira estrofe do livro, em que o autor diz:

03

Grande parte dessa história
Eu ouvi alguém dizer
Não está escrita em livros
Por isso vou escrever
Detalhes de nossa terra
Importante de saber.

Fica claro o desejo de propagação de um conhecimento que agora pode ser desfrutado pelos leitores, impressos em forma de cordel para dar vida a uma história de forma prazerosa, em que o autor buscar narrar de forma fiel relatos do passado, transmitido de geração em geração e até mesmo vivido por antigos moradores.

No quarto verso, o autor retoma a um tempo bem distante, no intuito de contar como tudo começou e narra um acontecimento com grupos indígenas no estado de Alagoas, que acarretou a divisão de tribos e índios que se instalaram no estado do Rio Grande do Norte e na cidade vizinha, Serra da Raiz, até a chegada de alguns da tribo Potiguar ao município de

Pirpirituba. A presença de nativos na origem do município leva o leitor a viajar de forma agradável ao período da descoberta do Brasil, como observamos nos versos:

04

Foi um tempo bem distante,
Uma era mais remota,
Lembra uma nação indígena
E uma grande revolta
No estado de Alagoas
Sofreram a grade derrota

11

Com suas cargas pesadas
Pilão, esteiras, barris
Fixaram-se bem acima,
Hoje Serra da Raiz,
Por todo canto espalhou-se
Sendo um povo mais feliz.

12

Outros foram mais além
Apelando a própria sorte
Pois o índio Potiguar
É de raça muito forte
Agrupara-se onde é hoje
O Rio Grande do Norte.

13

Uma grande quantidade
Veio para o lado de cá
E logo as suas tendas
Começaram a armar,
Se não estou enganado
Era a tribo Potiguar.

Nota-se que foi preciso realizar uma grande pesquisa para se conhecer toda essa história e que apesar de ter sido, segundo Zé Luís, parte de uma pesquisa realizada por um historiador da cidade de Itabaina, não há nenhuma comprovação sobre esses relatos. Nota-se uma incerteza do autor no quinto verso da última estrofe citada em relação a tribo que habitou o município, mas para comprovar a presença de indígenas na terra o autor relata:

26

Eu não sei de quem é ideia
Do nome dessa cidade,
Eu não sou daqueles tempos
E não tenho tanta idade
Sei que tem origem indígena
Isso sim é bem verdade.

27

Pery pery, o capim
E terra quer dizer tuba,
Os índios a cada feixe
De junco, pedia ajuda
Por isso nossa cidade
Chama-se Pirpirituba.

Ao realizarmos uma pesquisa sobre a definição da palavra “tuba”, pronunciada também por “tiba” na linguagem indígena, tem significado de abundância, cheio, muito, e não terra, como aparece no segundo verso da última estrofe acima. No entanto, o autor afirmou, ao ser indagado sobre o erro, que havia escrito certo em seus rascunhos, mas que ao ser corrigido para ser impresso foi modificado e posto o significado incorreto.

A história segue um curso cronológico, pois após serem citados a presença dos nativos tem-se a aparição de homens brancos, dois coronéis, e também de negros escravos. Com a chegada de coronéis ao município inicia-se um longo período de desenvolvimento e construção da cidade. Assim, o autor expõe:

16

Desses bravos homens brancos
Só dois se destacaram
O capitão Luís Correia
Que nos anais registraram
E o coronel Lourenço
Que nos livros não citaram.

28

Sei que a primeira rua
Tem nome dos pioneiros
Luís Correia de Melo
E de Lourenço Cordeiro
‘Rua Cordeiro de Melo’
Chamam rua do cordeiro.

29

Devemos satisfação
À esses nobres senhores
Que implantaram nosso marco
Os coronéis fundadores
Enriqueceram nossas terras
Cultivaram seus valores.



Imagem II. Fonte: Contos, cantos e recantos de nossa terra- Pirpirituba em verso (2004)

O período da escravidão também faz parte da história do município, em que se narra a força braçal negra para a construção do município e a influência de suas culturas, como vemos nas seguintes estrofes:

19

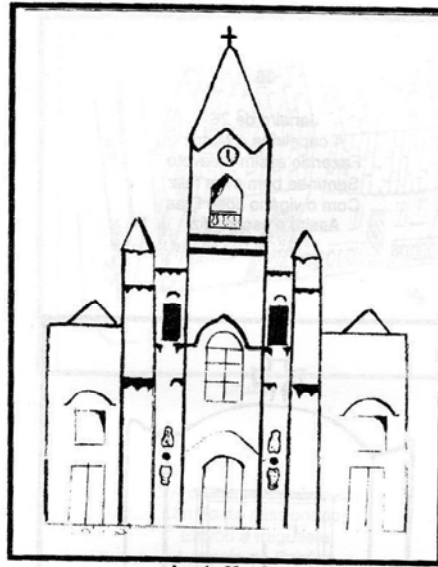
Um “galpãozinho” de taipa
Para os negros se encontrar
Derrubaram e construíram
Um cruzeiro no lugar
Com frente para casa grande
Para de lá vigiar.

20

Como a vida dos negros
Era uma vida infeliz
O povoado foi crescendo
Assim a história diz
Reformaram o cruzeiro
Onde hoje é a matriz.

22

As madeiras pra reforma
Os negros iam buscar
A uma distância muito longa
Difícil de carregar
Hoje o alto da matriz
É o nome do lugar.



Igreja Matriz

Imagem III. Fonte: Contos, cantos e recantos de nossa terra- Pirpirituba em verso (2004)

A religiosidade também se faz presente nos versos, pois é comum encontrar folhetos nordestinos dedicados a religiosidade, principalmente, sobre santos católicos, sendo Padre Cícero o mais narrado em folhetos. Na obra, o autor traz informações sobre o primeiro padre do município, informa também sobre como a capelinha construída pelos negros torna-se a matriz Nossa Senhora do Rosário e traz uma informação curiosa sobre o relógio e o sino da igreja matriz. Assim, o autor expõe:

38

A história ainda conta
Que no Brasil só existe
Dois sinos como esse nosso
Com tinido alegre e triste
Um que fica na Bahia
E esse de tino fiche.

39

Por seu badalado elegante
O sino foi batizado
Deram-lhe por devoção
O belo nome Ricardo
Homenageando o padre
Na matriz já enterrado.

Um fato ocorrido considerado de grande importância para os fies pirpiritubenses foi a passagem de Frei Damião pelo município, o qual arrastou uma grande multidão de devotos e se

tornou-o um motivo de alegria que até hoje é comentado pelos mais velhos, na estrofe 78 o cordelista Zé Luís comenta sobre esse fato:

78
Também em época passada
Não sei preciso o ano
Frei Damião aqui veio
Em sua missão pregando
Conheceu Pirpirituba
O velhinho de Bozzano.



Frei Damião

Imagem IV. Fonte: Contos, cantos e recantos de nossa terra- Pirpirituba em verso (2004)

Os versos vão contando de forma detalhada grande parte de tudo que foi transmitido oralmente para o autor, dentre as mais fascinantes narrações, destaca-se a passagem do bando de cangaceiro liderado por Antônio Silvino, o precursor de lampião, o cangaceiro mais famoso da região nordeste e mais falado nos folhetos de cordel. Para narrar a passagem do bando pelo município, o autor relata:

53
Um bando de cangaceiros
Seu líder Antônio Silvino
Onde passavam assustavam
Homem mulher e menino
Passou nesse povoado
Porém, com outro destino.

Esse fato também pode ser encontrado no livro “*Voltando às origens*” dos escritores Luíz Manoel de Freitas e Sheyla Maria Ramalho que também são naturais de Pirpirituba. Luíz Manoel e Sheyla Ramalho, em contato com a oralidade, narram:

Outra história que sempre repetiam era a da visita de Antônio Silvino a Pirpirituba. Contavam que Antônio Silvino, um cangaceiro visto como Hobin Hood, por tirar dos mais afortunados para os mais pobres, tinha passado em Pirpirituba em 1912. Dizem que saiu às ruas distribuindo moedas com aqueles que o seguiam e depois foi se banquetear na casa do senhor Evangelista. (2002, p. 32).

O município também sofreu consequências da Revolução de 1930 e não passa despercebido pelo autor que conta a participação de alguns pirpiritubenses nesse período da história. O autor narra:

54

A coluna preste avança
Estoura a Revolução
Soldados voltam aos quartéis
As ruas sem proteção
Os moradores se alertam
De carabina na mão.

61

Tinha aliga camponesa
Liberal e perrepista
A causa trabalhadora
Chamavam de comunista
Perseguiram até a igreja
E também sindicalistas.

A narrativa segue fluentemente contando casos muitos interessantes ocorridos no município, dentre eles, sua evolução como: a presença da eletricidade, a construção da ferrovia, de pontes e rodagens que contribuíram para o crescimento do povoado até a data de sua emancipação, alguns desses fatos pode ser observado nas seguintes estrofes:

43

Só depois de muito tempo
Chega a eletricidade
Em cada poste das ruas
Dessa pequena cidade
Clareando com mais força
E com mais capacidade.

44

O ilustre Celso Cirne
Engenheiro de ferrovia

Trouxe a estrada de ferro
Da Great Western Companhia
Era a Maria Fumaça
O ter que aqui não havia.

47

Lá nos anos vinte e dois
Depois de mil e novecentos
Chaga a estrada em rodagem
Passando bem pelo centro
Da nossa Pirpirituba,
Ainda tem mais, fique atento.

Todas essas informações são adquiridas de forma dinâmica, pois as sonoridades das rimas levam o leitor a captar as informações de maneira prazerosa, e alguns desses fatos encontram-se também na obra “*Voltando às origens*” Luiz Manoel de Freitas e Sheyla Maria Ramalho:

A nossa tarefa de acender os lampiões, cumprimos até o final do ano de 1925, com a chegada da energia elétrica em Pirpirituba. O primeiro motor gerador de energia era movido a carvão vegetal, chamado de gás pobre, que foi instalado pelo coronel Oliveira Lucena. Depois, então, foi usado o óleo diesel. Em 1961 foi, finalmente, instalada a energia de Paulo Afonso. (FREITAS; RAMALHO, 2002, p. 23)

À medida que a ferrovia ia ficando pronta, crescia a ansiedade das pessoas pelo dia de verem a máquina transitar pela primeira vez. Originalmente a locomotiva do trem era abastecida com carvão de pedras, vindo da Inglaterra, depois substituído por lenha, para ser, finalmente, usado o óleo diesel. [...]. Por sorte, na época da desativação da ferrovia, havia a estrada de rodagem que tinha sido construída em 1922 e que ligava os estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. (FREITAS; RAMALHO, 2002, p. 15-16)

Nota-se que são as mesmas informações presentes nas estrofes do cordel, sendo estas mais completas e exatas, todavia, o cordel, sendo a forma literária mais presente no cotidiano do nordestino, é o mais admirado e partilhado por carregar uma linguagem compreensível e uma estrutura dinâmica.

A data de emancipação do município é celebrada por todos os pirpiritubenses e está presente na maioria dos escritos de Pirpirituba. Na obra de Zé Luís, a estrofe destinada a esse feito encontra-se na primeira parte do livro em que se narra a data do acontecido e os nomes dos que lutaram pela a emancipação. Após narrar alguns fatos importantes do desenvolvimento social, foca um pouco na política, na criação do conselho tutelar, formação dos bairros e conclui

a primeira parte do livro, dedicando a segunda parte aos nomes dos prefeitos do município. Sendo assim, o autor narra:

64

Mil novecentos e cinquenta e três
Registra-se a grande data
O nosso torrão querido
Pra município se passa
E o pequeno povoado
Pra cidade se exalta.

84

O Conselho Tutelar
Teve implantação primeira
Em nossa Pirpirituba,
Pois ela foi pioneira
Exemplo pra todo estado
Dessa Paraíba inteira.

121

Vou concluir essa parte
Com amor e gratidão
Escrevendo nosso Hino
Primeiro desse torrão
Com as belas de minha terra
Datando a emancipação.

122

Fechando esse relato
Já me sinto satisfeito
E para um tom mais completo
Na rima encontrei um jeito
Para citar em sequência
Nome dos nossos prefeitos.

A criatividade do autor, leva o leitor a viajar pela história do Brasil e o leva a pensar na grandiosidade da história de sua terra, de seus precursores, que lutaram para a formação de um município e de um povo. Todo esse conhecimento é passado de forma técnica e artística, afim de avivar a memória dos antepassados e construir uma história.

4.2 Zé Luís e Seu Público

A narrativa busca transmitir informações e despertar curiosidades nos leitores e ouvintes, para isso, o autor aproveita-se de recursos importantes na comunicação de suas mensagens, valendo-se de um vocabulário típico da região nordestina que vai dando forma e contribuindo para as rimas dos versos, fazendo usos de palavras como: Taipa, diprimeiro, capelinha, galpãozinho, reboição que caracterizam a vozes do cotidiano de um povo humilde, muitas vezes iletrados que se sentem à vontade ao ouvir palavras de seu conhecimento, sendo assim, a obra torna-se acessível as comunidades e as uni. Segundo Antônio Cândido (2006):

O que interessa de fato é a combinação da análise estrutural com a da função social, pois a literatura dos grupos iletrados liga-se diretamente à vida coletiva, sendo as suas manifestações mais comuns do que pessoais, no sentido de que, ao contrário do que se pode ocorrer nas literaturas eruditas, nunca o artista ou poeta deixa de exprimir aspectos que interessam a todos. (p. 57)

Há uma relação estreita entre o autor e seu público, além do público contribuir com autor através da oralidade o autor retribui tornando esse conhecimento disponível às próximas gerações, coloca-se dentro da obra, ora como narrador observador, ora como narrador personagem, fazendo com que a obra ganhe vida com diversas vozes, assumindo também um papel dentro da narrativa, como notamos a seguir:

41

Alguém que ainda se lembra
Para mim, assim, contou
Que com o passar dos tempos
A coisa até melhorou
Adquiriu-se uma máquina
Com motor de gerador.

46

Um fato bem engraçado
Mãe contava com emoção
Quando a bisavó foi ver
O trem lá na estação
Ao toca-lo ele apitou
De medo ela caiu no chão.

A participação do público na obra foi essencial, pois os relatos orais foram partilhados no cotidiano do autor com a comunidade, alguns dos acontecimentos foram realmente vivenciados por antigos habitantes que confiaram suas experiências de vida com o autor, o fato de exercer a profissão da agente de saúde e de realizar trabalhos sociais em sua comunidade também favoreceu aos escritos, e a fim de expor suas próprias experiências o autor também relata o que viveu. Assim, temos:

85

Nosso primeiro conselho
Formavam os seguintes nomes:
Ao todo eram cinco
Entre mulheres e homens
Zé Luís, Ramilton, Hélio
Veronica e Lourdinha Gomes.

86

Oitocentos e sessenta e dois
Somam os votos apurados
Para o senhor Zé Luís
Conselheiro mais votado
Portanto destacando-se
O primeiro do estado.

92

Também foi este o primeiro
Bairro de nossa cidade
Era caminho de roça
Desde minha mocidade,
Digo com sabedoria
E sem falsa vaidade.

105

Para dirigir a AMOC
Presidente já são três:
Desde sua fundação
Até o corrente mês
Manoel, Zé Luís e Doda
Manoel Barro volta “à vez”.

107

A festa tradicional,
Primeira realizada,
Ao Padroeiro São José
Pela AMOC organizada
Março de 94
Está em Ata registrada.

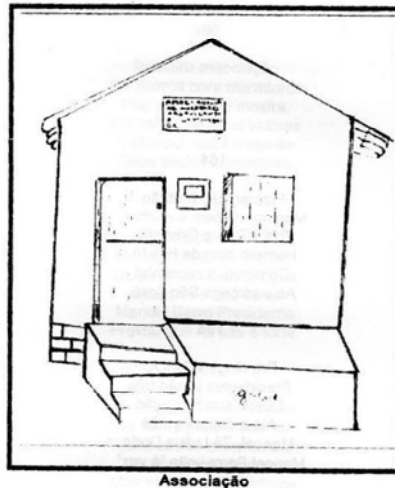


Imagem V. Fonte: Contos, cantos e recantos de nossa terra- Pirpirituba em verso (2004)

Percebemos que é de grande significância que haja um elo entre o autor e o público no universo cordelista, os escritores de cordéis buscam estar atentos ao dia a dia de seus leitores para falar-lhe em seus versos aquilo que seu público deseja ouvir adaptando seus interesses com os de sua comunidade que dará vida a seus inscritos, pois para Antônio Cândido (2006):

O público dá sentido e realidade a obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e sua própria obra. (p. 48).

O reconhecimento tardio é comum na vida dos escritores brasileiros e não é diferente na vida dos cordelista que, de um jeito simples, encontram um modo de expandir seus próprios escritos, expondo no fim de seus folhetos uma estrofe dedicada a venda de seus trabalhos, muitas vezes contendo o valor ou fazendo apenas um apelo ao leitor para que adquira o folheto. Este apelo também é feito pelo autor Zé Luís na penúltima estrofe da sua obra:

144
Estou chegando ao final
Da minha composição
Porém, se você gostou
E prestou bem atenção
Ao adquirir seu exemplar
Me dará satisfação.

Existe também uma intimidade perceptível entre a obra e o autor, o qual se sente livre para se expressar, passando para os leitores uma ideia de ufanismo, pois o autor se envolve com toda a historiografia de seu município a ponto de se dedicar a escrever um livro dedicados aos feitos de seu torrão, expressando um sentimento positivo por seu feito que pode ser notado em várias estrofes no decorrer da leitura, como, por exemplo, expressões nos versos: “A nossa Pirpirituba”, “Vou citar com alegria/ Alguns nomes com emoção”, “Com amor e gratidão”, e uma das características mais fortes desse lado ufanista do autor dar-se na última estrofe da obra, a saber:

145

Zelei pela nossa história
Era isso que eu queria
Ligeiramente escrevi
Umás coisas que sabia
Inspire-me pelos fatos
Suplementando alegria.

Ver-se que o autor coloca na última estrofe, de forma estratégica, todo o seu desejo de produção da obra, ou seja, propagar a história, tendo a certeza de um dever cumprido realizado com imensa alegria e encerrado com uma característica bem importante na criação de cordéis, que é o uso do acróstico. Para Aderaldo (2012):

Uma das formas de o autor de identificar na obra de cordel é o uso do acróstico, uma ferramenta na qual cada letra do seu nome iniciara um verso da última estrofe de seu folheto. Ao que se parece, foi o próprio Leandro Gomes de Barros que iniciou a pratica no cordel, por problemas de plagio ou cópia de seus folhetos. (p. 72)

O uso do acróstico é uma técnica usada por cordelistas de grande importância para se garantir a autoria e pode ser que Zé Luís tenha sim tido essa visão para comprovar sua autoria, mas como já comentado antes, é uma estrofe bem pensada e usada de forma estratégica para concluir sua obra de forma magnífica, uma vez que em outras estrofes da obra já se percebe a autoria.

5. CONCLUSÃO

A literatura de cordel está ganhando espaço no meio social literário, está ganhando vida por meio de rimas e versos que são responsáveis por resgatar memórias e dar vozes a uma comunidade. Uma literatura de fácil acesso capaz de eternizar a identidade da cultura nordestina e de formar identidades pessoais, sendo parte de um elo entre o passado e o presente, expondo assuntos atuais e passados que encanta e forma leitores tornando-se um instrumento que contribui com a educação do nordestino. Através do cordel podemos compreender as riquezas da cultura popular, pois essa literatura envolve oralidade, performance (recitação), escrita (folhetos) e a perpetuação da memória.

A obra em cordel aqui analisada assegura as raízes culturais de um povo, além disso, os versos desse autor são capazes de aproximar leitor e obra de forma aprazível, transmitindo conhecimentos ao relatar a origem, aspectos históricos, políticos, geográficos e culturais do município de Pirpirituba. Notamos uma harmonia presente na obra que relaciona o vocabulário regional a acontecimentos históricos que vão entoando rimas e narrando o progresso de um povo.

De um modo geral, a obra analisada traz um enriquecimento para o universo cordelista, enaltecendo a cultura popular e contribuindo para os estudos historiográficos já realizados. Assim, apresentamos nesse trabalho o desenvolvimento social de uma comunidade para que as novas gerações se orgulhem de seus feitos e valorizem a cultura de seu povo.

A partir de uma obra de cunho oral e popular, escrita em versos de cordel, Zé Luís reconta a história de seu município. Na obra observamos a valorização de uma cultura popular e literária, expandindo os conhecimentos historiográficos de um povo que passa a ter acesso a sua história e a construir sua formação identitária. Desse modo, a obra “Contos, Cantos e recantos de nossa terra – Pirpirituba em versos”, passa a ter um papel fundamental no desenvolvimento social e cultural do município de Pirpirituba.

REFERÊNCIAS

ALCOFORADO, Doralice Fernandes Xavier. **Literatura oral e popular**. Boitató – Revista do GT da ANPOLL INSS 1980 - 4504, 2008.

ALVES, Roberta Monteiro. **Literatura de Cordel**: por que e para que trabalhar em sala de aula. Revista Fórum Identidades, Sergipe, Ano 2, V. 4 – p. 103-109, 2008. Disponível em: http://www.posgrap.ufs.br/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IN D 4/SESSAO L FORUM Pg 103 109.pdf. Acessado em 28/10/2017.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.308-345: Cultura brasileira e culturas brasileiras. Disponível em: hirdelli.pro.br/wp-content/uploads/bosi.pdf. Acesso em: dia 28 de outubro de 2017.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. Ecléa Bosi. - - São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAMPOS, Renato Carneiro. **Ideologia dos poetas populares do Nordeste**. 2º ed. Prefácio de Gilberto Freyre. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Artes, 1977.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade. Estudos da Teoria e da História Literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

Dados on-line disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/indiosbrasileiros/dicionario-tupi-guarani.php>. Acesso em: 05 de dezembro de 2017.

JAHN, Livia Petry. **A literatura de cordel no século XXI**: Novas e velhas linguagens na obra de Klévisson Viana. 2011. 117f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

LUCIANO, Aderaldo. **Literatura de Cordel, Literatura Brasileira** In Revista Cultura Critica – Revista Cultural da Apropuc-sp nº06 2º Semestre de 2008.

LUÍS, Zé. **Contos, Cantos e Recantos da Nossa Terra – Pirpirituba em Versos**. FIC Augusto dos Anos. Governo da Paraíba, 2004.

MANOEL, Luiz. MARIA, Sheyla. **Voltando às Origens**. Projeto Reviver, 2002.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papyrus, 1982.

PEREIRA, Iuri. Variação linguística. In: ATHAYDE, João Martins. **João Martins de Athayde** – Tipógrafo, editor e poeta. João Pessoa: Mundial Edições, 2016, p. 9, (Cordel na escola).

SOUZA, Manoel Matusalém. **Cordel, fé e viola**. Petrópolis: Vozes, 1982.